

POLÍTICA

scalla fm 95,7 IMPRESCINDÍVEL

# Alianças de FHC com o PFL ameaçam tucanos

Articulações para a reeleição do presidente podem comprometer o futuro do PSDB, principalmente nos governos dos estados mais poderosos

### Operação de guerra

PSDB, PMDB e PFL pressionaram o governo federal a fazer uma inventoria branca no governo de Alagoas não porque queiram preservar o governador Divaldo Suruagy (PMDB) para a sucessão de 1998, mas para evitar o fortalecimento da candidatura do ex-prefeito de Maceió, Ronaldo Lessa (PSB), ao governo do estado. Suruagy apenas chegará ao final do mandato porque uma intervenção federal inviabiliza constitucionalmente mudanças na Carta. O presidente do PSDB, senador Teotônio Vilela Filho (PSDB), é candidato à sucessão de Suruagy e deverá polarizar com Lessa, que elegeu a prefeita de Maceió, Kátia Born (PSB).

### O poder do gravador

A oposição ao governador Amazonino Mendes (PFL) vai explorar, ao limite, as denúncias em que seu governo viu-se envolvido desde a CPI dos Títulos Públicos. A mais constrangedora atinge seu filho, Armando, ouvido pela Polícia Federal sobre o assassinato de um empresário em São Paulo. PSDB, PMDB e PSB devem se unir para lançar um candidato único contra Amazonino, que tanto poderá ser o senador do PSDB, Jefferson Peres, quanto o secretário geral tucano, deputado Arthur Virgílio, o ex-governador Gilberto Mestrinho (PMDB) ou o economista Serafim Correia (PSB), segundo colocado na disputa pela prefeitura de Manaus.

### Seara carlista

O governador Paulo Souto (PFL) não teve nenhum motivo particular para comemorar a aprovação da emenda da reeleição. O cargo é do presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL), que dele deverá dispor para lançar a candidatura de seu filho, o deputado e líder do governo na Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL). O PSDB perdeu para o PT o ex-governador Waldir Pires e ainda hesita entre lançar ao governo ou a deputado federal. A mais recente filiação tucana é a do ex-governador Nilo Coelho, ex-peemedebista, e um dos mais ferrenhos adversários da família Magalhães na Bahia.

### Jereissati 2002

Governador pela segunda vez do Ceará, Tasso Jereissati é o governador tucano da oposição mais compartilhável na eleição de 1998 e, ironicamente, o que mais reluta em disputar a reeleição. O PSDB quer vê-lo num posto de maior visibilidade nacional que o credenciar a sucessão presidencial em 2002. Seu maior adversário no estado, o prefeito de Fortaleza, Juraci Magalhães (PMDB), estará com 74 anos no próximo ano e ainda há dúvidas se terá fôlego para disputar outra eleição. Tasso pode optar pelo senador Sérgio Machado (PSDB) ou até mesmo lançar mão do ex-governador Ciro Gomes, hoje afastado do PSDB, para sua sucessão.

### Aliança de inimigos

O mais forte concorrente do governador Cristóvam Buarque (PT) é o ex-governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, que filiou-se ao PMDB e já obteve o apoio de toda a cúpula do partido à sua candidatura. Contra Roriz, Cristóvam tentará buscar uma aliança com o senador José Roberto Arruda (PSDB), que é pré-candidato do seu partido ao governo estadual. Roriz tem a seu favor o desgaste provocado pelas disputas, hoje apaziguadas, entre o governador e seu partido na Assembleia Distrital. A aliança levaria o presidente a ter um palanque dividido entre seus aliados na capital da República.

### O cacife de Íris

O governador Maguito Vilela (PMDB) vive uma situação parecida com a do governador Paulo Souto (PFL). Seu mandato é do ministro da Justiça, Íris Resende. A diferença é que Íris, ao contrário do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL), pode requerê-lo não para um filho, mas para si mesmo. Íris aproveitou sua posse na Justiça para relembrar seu cacife no estado. A única ameaça ao PMDB no estado seria o tucano Nion Albernaz, que não parece disposto a abandonar a prefeitura de Goiânia para disputar o governo estadual em 1998. O ex-prefeito Darci Accorsi (PT) é outra possibilidade, mas a derrota do PT em 1996 enfraqueceu sua candidatura.

### Reprise de 94

O Maranhão viverá uma reedição do atribulado pleito de 1994. O senador Epitácio Cafeteira (PPB) voltará a tentar o governo do estado contra a recondução da governadora Roseana Sarney (PFL). Ao PSDB maranhense, tradicional adversário dos Sarneys, não restará outra alternativa senão aliar-se ao PPB de Epitácio Cafeteira. A incógnita é a vaga para o Senado. A governadora quer trazer o pai, José Sarney (PMDB), de volta à política do estado, mas pesquisas de opinião que lhe chegaram às mãos indicam que o ex-presidente Sarney tentará um novo mandato no Senado com maior segurança se permanecer no Amapá.

contra a recondução da governadora Roseana Sarney (PFL). Ao PSDB maranhense, tradicional adversário dos Sarneys, não restará outra alternativa senão aliar-se ao PPB de Epitácio Cafeteira. A incógnita é a vaga para o Senado. A governadora quer trazer o pai, José Sarney (PMDB), de volta à política do estado, mas pesquisas de opinião que lhe chegaram às mãos indicam que o ex-presidente Sarney tentará um novo mandato no Senado com maior segurança se permanecer no Amapá.

Além do PPB de Paulo Maluf, em São Paulo, a mais forte investida contra os governos tucanos parte do principal aliado do presidente Fernando Henrique Cardoso — o PFL. Com apenas três governadores, todos nas regiões Norte e Nordeste — Paulo Souto (BA), Roseana Sarney (MA) e Amazonino Mendes (AM) — o PFL quer crescer no centro-sul do País desalojando o PSDB.

O presidente Fernando Henrique Cardoso deu três sinalizações de que não pretende se mover para impedir esse avanço sobre seu partido. Age em sentido contrário, o de garantir palanques seguros para sua própria reeleição. Encontrou-se neste domingo, em Nova York, com Itamar Franco, a quem tenta convencer a sair candidato ao governo de Minas Gerais; e conseguiu acirrar novamente os ânimos entre PSDB e PFL ao discutir a eleição de 1998 com os adversários dos governadores tucanos no Rio e em São Paulo — Luiz Paulo Conde (PFL), prefeito do Rio, e Paulo Maluf (PPB), ex-prefeito de São Paulo.

“Em Brasília, a opinião corrente é a de que os governadores do PSDB já foram rifados para garantir a reeleição do presidente”, diz o cientista político e professor da Universidade de Brasília, David Fleischer. O PSDB se queixa do que chama “pouco caso” do presidente com o futuro do partido. “Essa ambição do Fernando Henrique de querer disputar uma eleição sem adversários não é uma boa tática eleitoral. Candidato único não agrada ao eleitorado”, diz um parlamentar da cúpula tucana, ressentido com o presidente.

Com apenas três governadores, nas regiões Norte e Nordeste, o PFL quer crescer no centro-sul do País

Além do Rio e de São Paulo, o PFL é oposição ao PSDB no Mato Grosso, onde o senador Júlio Campos (PFL) vai disputar o governo do estado contra o governador Dante de Oliveira (PSDB); e no Pará, onde o ex-prefeito Hélio Gueiros (PFL) também pode enfrentar o governador Almir Gabriel (PSDB). Sergipe será uma provável exceção. Mas é o PSDB

### Reprise de 94

O Maranhão viverá uma reedição do atribulado pleito de 1994. O senador Epitácio Cafeteira (PPB) voltará a tentar o governo do estado contra a recondução da governadora Roseana Sarney (PFL). Ao PSDB maranhense, tradicional adversário dos Sarneys, não restará outra alternativa senão aliar-se ao PPB de Epitácio Cafeteira. A incógnita é a vaga para o Senado. A governadora quer trazer o pai, José Sarney (PMDB), de volta à política do estado, mas pesquisas de opinião que lhe chegaram às mãos indicam que o ex-presidente Sarney tentará um novo mandato no Senado com maior segurança se permanecer no Amapá.

“O PSDB que se surpreende com Fernando Henrique Cardoso é o mesmo que lembra de seu esforço em construir um partido que, numa alternativa ao PMDB, não fosse guiado exclusivamente pelo pragmatismo político”, diz o cientista político Marcos Coimbra, diretor do instituto de pesquisas, Vox Populi.

Enquanto o PSDB se queixa da investida contra seus governadores, o PFL se empenha em ajudar Fernando Henrique na tarefa de livrar a disputa presidencial de potenciais adversários. “O Franciscino Pereira já convidou Itamar e está empenhado em convencê-lo a se filiar ao partido”, diz o presidente do PFL, deputado José Jorge (PE).

Na semana passada foi a vez de o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) agir de intermediário do jantar entre Maluf e Fernando Henrique Cardoso. Para a platéia, o PFL joga de candidato próprio em São Paulo. “Vamos ter candidatos

próprios em Minas, Rio e São Paulo”, diz José Jorge. De fato, o partido já negocia o vice na chapa de Maluf e a vaga no Senado. “O presidente pediu que eu não fosse candidato em São Paulo”, disse o senador Romeu Tuma (PFL-SP), ao sair de um encontro no Palácio do Planalto.

O primeiro sinal no sentido da valorização do PFL na sucessão de 1998 foi a indicação do deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA) para ser o articulador, nos estados, de alianças que reprodussem o palanque presidencial de 1998. A exceção do Ceará, onde o PFL é inexpressivo, não há um único estado governado pelo PSDB em que o PFL tenha demonstrado disposição de apoiar a recondução dos tucanos.

Outra novidade na sucessão paranaense deverá ser a presença do senador Roberto Requião (PMDB) na disputa estadual. Com uma pré-candidatura à presidência da República abortada pelo vôo curto da CPI dos Títulos Públicos, Requião deve tentar voltar ao governo do Paraná. O diretor do Vox Populi, Marcos Coimbra, não vê maiores chances para Lerner: “O repertório dele já é conhecido no estado. Não é a CPI que vai ser capaz de mudá-lo”.

PFL e PSDB tampouco deverão estar juntos em Pernambuco, estado em que o partido do presidente da República pode até vir a receber o apoio do governador Miguel Arraes (PSB) contra o candidato do PMDB, apoiado pelo PFL, o ex-prefeito do Recife, Jarbas Vasconcelos.

A atenção dispensada pelo presidente da República aos candidatos do PFL às eleições estaduais em 1998 só não surpreendeu os tucanos do Amazonas, Maranhão e Bahia. Nesses estados, a aliança PSDB x PFL não vingou desde a eleição de 1994. No Amazonas, os tucanos são oposição incondicional

### Ataque cerrado

Almir Gabriel é o governador tucano em situação mais fragilizada. Ainda não se recuperou do desgaste de imagem provocado pelos conflitos de terra em Eldorado dos Carajás (PA) e do estreitamento de sua relação com o Planalto do Planalto resultante da troca de acusação entre os governos federal e estadual no episódio. Seu maior adversário deverá ser o senador Ademir Andrade (PSB), que conta com o apoio do prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues. O senador Jádor Barbalho (PMDB) e o ex-prefeito Hélio Gueiros (PFL) também ameaçam a reeleição do governador. Gabriel quer atrair Gueiros oferecendo-o uma vaga ao Senado.

o governador Amazonino Mendes (PFL), citado na fita do ex-deputado Ronivon Santiago (sem partido), como seu corruptor na venda de votos da emenda da reeleição. Antes do episódio vir à tona, os tucanos amazonenses, capitaneados pelo secretário-geral do PSDB, Arthur Virgílio Neto, queixavam-se de que, em suas visitas ao Amazonas, o presidente limitava-se a receber o PSDB em encontros fortuitos e dedicava o restante do seu tempo no estado a prestigiar as inaugurações das obras de Amazonino Mendes.

“No Maranhão, o governo federal sempre esteve mais próximo do PFL”, diz o deputado Sebastião Madeira (PSDB-MA). Os verdadeiros aliados do presidente no Maranhão, dizem os tucanos maranhenses, sempre foram os Sarney. Outro indício claro disso teria sido o veto do Palácio do Planalto à candidatura do deputado Jaime Santana (MA), tradicional adversário dos Sarney, à liderança do PSDB na Câmara.

A Bahia é um dos casos mais emblemáticos da aliança governista. O desalento do PSDB baiano com o prestígio, junto ao Palácio do Planalto, de Antônio Carlos e Luís Eduardo Magalhães, acabou levando à saída do principal nome do partido, o ex-governador Waldir Pires, recém filiado ao PT. O PSDB, no entanto, foi buscar outro ferrenho adversário dos Magalhães, o ex-governador Nilo Coelho, no PMDB, para enfrentar o PFL em 1998.

É no Rio, São Paulo e Minas, no entanto, que mais decisivamente se jogará o futuro da aliança nacional entre o PFL e o PSDB. O clima é tenso e propício a provocações. “Uma colega foi conversar com o presidente e ouviu que a cara dele no Rio é a de César Maia”, diz um líder tucano. “Como é que ele pode fazer uma coisa dessas com o partido?”.

Se, no Rio, os tucanos querem um presidente “atencioso” com Marcello Alencar, em São Paulo não há meio termo. “Covas é emblemático para o PSDB. O palanque do presidente não pode ser outro”, diz o secretário-geral do PSDB, Arthur Virgílio Neto. O governador Tasso Jereissati, que esteve na semana passada conversando com o presidente Fernando Henrique, age de bombeiro no PSDB. “A possibilidade de o presidente não apoiar Mário Covas é tão grande quanto a de Lula sair candidato pelo PFL”, diz o governador cearense.

O presidente do PFL, deputado José Jorge, também é da turma do “deixa disso”: “Toda semana apagamos três incêndios e acendemos mais três”, diz o presidente do PFL

mana apagamos três incêndios e acendemos outros três”. Nenhuma liderança, no entanto, é capaz de prever o tempo de vida da aliança PSDB-PFL depois da eleição de 1998. Marcos Coimbra, do Vox Populi, diz que, por mais seqüelas que as disputas eleitorais venham a deixar na aliança, ambos os partidos permanecerão juntos ao presidente. “A perspectiva de eleição de Fernando Henrique em 1998 é tão avassaladora que nenhum partido vai tomar a iniciativa de estar longe do poder”.

Na Paraíba a maior disputa é dentro do próprio PMDB. O governador José Maranhão (PMDB) é outro que pode ter que ceder o lugar para o filho do cacife regional. O cacife é o ex-governador e senador Ronaldo Cunha Lima (PMDB) e o filho, o prefeito de Campina Grande, Cássio Cunha Lima (PMDB). A diferença é que José Maranhão não deve seu cargo aos Cunha Lima. Assumiu com a morte do governador Antônio Mariz (PMDB), de quem era vice. Não parece disposto a abrir mão facilmente da possibilidade de se recandidatar, mas dificilmente conseguirá viabilizá-la contra os Cunha Lima.

### Disputa no PMDB

Ao livrar o presidente de uma concorrência incômoda, a candidatura de Paulo Maluf ao governo paulista mina gravemente as chances de reeleição do governador Mário Covas e altera a correlação de forças dentro do PSDB. Se derrotado, Covas perde força na escolha do candidato tucano que enfrentará a virtual candidatura de Luís Eduardo Magalhães em 2002. Para ganhar, Covas tentará o apoio do PT para polarizar com Maluf — alternativa que apenas se alimentaria se o candidato petista à presidência for Lula. PFL vai lançar candidato própria — talvez Romeu Tuma — para valorizar seu cacife na composição com Maluf.

### Vingança tucana

Pelo clima no diretório estadual do PSDB que rejeitou a filiação de Jaime Lerner (PDT) ao partido, o Paraná promete ter uma das campanhas mais acirradas de 1998. Lerner mantém uma boa imagem no eleitorado, mas os tucanos do seu estado vão fazer da candidatura do ex-governador Álvaro Dias (PSDB) a vingança contra o que consideram descaço do governador em relação ao partido que o apoiou na eleição de 1994. O senador Roberto Requião (PMDB), frustrado em sua pré-candidatura ao Palácio do Planalto, também promete levar seu palanque de relator da CPI dos Títulos Públicos à campanha paranaense.

### Tropeçando em precatório

O governador Miguel Arraes (PSB) terá 81 anos na campanha do próximo ano. Seus correligionários, que já admitiam um outro nome para 1998, ficaram ainda mais descrentes da reeleição depois da CPI dos Títulos Públicos, que envolveu o nome do neto do governador, Eduardo Campos. As apostas do momento indicam o senador Carlos Wilson (PSDB) como o provável candidato de Arraes na disputa contra o ex-prefeito Jarbas Vasconcelos (PMDB), que, depois de eleger o pefelista Roberto Magalhães como sucessor, deverá contar com o apoio do PFL. O presidente terá dois palanques no estado do seu vice, Marco Maciel.

### Palanque cheio

O slogan aqui é todos contra um. Neste estado, o presidente Fernando Henrique Cardoso não deverá ter problemas de palanques rachados. PFL e PSDB tendem a fechar em torno da reeleição do governador Antônio Britto para neutralizar o PT que, depois de três vitórias eleitorais em Porto Alegre, fortaleceu-se para disputar o governo do estado. A maior dúvida ainda é sobre o nome do adversário de Britto. Se o ex-prefeito Tarso Genro não emplacar na disputa presidencial pelo PT, a disputa com o também ex-prefeito Olívio Dutra pela candidatura do partido ao governo do gaúcho deverá se acirrar.

### Factóide eleitoral

Maior aposta pefelista das eleições estaduais de 1998. Vitória do ex-prefeito César Maia daria um porto seguro ao PFL no Sudeste, região que, até agora, lhe é impenetrável. Viabilidade na região de maior peso eleitoral no País é a aposta do PFL para permanecer no poder federal que, em 1994, lhe foi assegurado por aliança com o presidente Fernando Henrique Cardoso. O governador Marcello Alencar resiste à idéia de fazê-lo candidato ao Senado na chapa de Maia e contratou o guru de Maluf, o publicitário Duda Mendonça, para reverter sua imagem negativa junto à opinião pública fluminense.

### Quintal de Amin

Seja qual for o resultado da votação do impeachment do governador Paulo Afonso Vieira (PMDB), dentro de um mês, o mais forte candidato à eleição de 1998 é o senador Espiridião Amin (PPB). O PT deverá apoiar o ex-prefeito de Florianópolis, Alfredo Boppé (PPS), mas o embate é desigual. Amin está trabalhando pelo apoio do embaixador do Brasil em Portugal, Jorge Bornhausen (PFL), que deverá sair candidato ao Senado em 1998. A costura com o PPB de Espiridião Amin passa pelo futuro político do deputado Paulo Bornhausen (PFL-SC), que o pai, Jorge, gostaria de ver, um dia, no governo do estado.

### Adversário incômodo

Ao livrar o presidente de uma concorrência incômoda, a candidatura de Paulo Maluf ao governo paulista mina gravemente as chances de reeleição do governador Mário Covas e altera a correlação de forças dentro do PSDB. Se derrotado, Covas perde força na escolha do candidato tucano que enfrentará a virtual candidatura de Luís Eduardo Magalhães em 2002. Para ganhar, Covas tentará o apoio do PT para polarizar com Maluf — alternativa que apenas se alimentaria se o candidato petista à presidência for Lula. PFL vai lançar candidato própria — talvez Romeu Tuma — para valorizar seu cacife na composição com Maluf.



### Minas Gerais

O governador Eduardo Azeredo vive situação semelhante a do governador paulista Mário Covas. Abrega em seu estado um potencial adversário do presidente Fernando Henrique Cardoso na campanha de 1998 — o ex-presidente Itamar Franco — que pode vir a ser acomodado na campanha estadual. Ainda que desfrute de melhor imagem que Covas, Azeredo pode ter dificuldades em enfrentar uma candidatura como a de Itamar, que deve explorar ao limite sua “paternidade” do Real. O prefeito de Contagem, Newton Cardoso (PMDB), e o ex-prefeito de Belo Horizonte, Patrus Ananias (PT), tampouco são carta fora do baralho em Minas.

### Paraíba

Almir Gabriel é o governador tucano em situação mais fragilizada. Ainda não se recuperou do desgaste de imagem provocado pelos conflitos de terra em Eldorado dos Carajás (PA) e do estreitamento de sua relação com o Planalto do Planalto resultante da troca de acusação entre os governos federal e estadual no episódio. Seu maior adversário deverá ser o senador Ademir Andrade (PSB), que conta com o apoio do prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues. O senador Jádor Barbalho (PMDB) e o ex-prefeito Hélio Gueiros (PFL) também ameaçam a reeleição do governador. Gabriel quer atrair Gueiros oferecendo-o uma vaga ao Senado.

### São Paulo

Ao livrar o presidente de uma concorrência incômoda, a candidatura de Paulo Maluf ao governo paulista mina gravemente as chances de reeleição do governador Mário Covas e altera a correlação de forças dentro do PSDB. Se derrotado, Covas perde força na escolha do candidato tucano que enfrentará a virtual candidatura de Luís Eduardo Magalhães em 2002. Para ganhar, Covas tentará o apoio do PT para polarizar com Maluf — alternativa que apenas se alimentaria se o candidato petista à presidência for Lula. PFL vai lançar candidato própria — talvez Romeu Tuma — para valorizar seu cacife na composição com Maluf.

### Paraná

Pelo clima no diretório estadual do PSDB que rejeitou a filiação de Jaime Lerner (PDT) ao partido, o Paraná promete ter uma das campanhas mais acirradas de 1998. Lerner mantém uma boa imagem no eleitorado, mas os tucanos do seu estado vão fazer da candidatura do ex-governador Álvaro Dias (PSDB) a vingança contra o que consideram descaço do governador em relação ao partido que o apoiou na eleição de 1994. O senador Roberto Requião (PMDB), frustrado em sua pré-candidatura ao Palácio do Planalto, também promete levar seu palanque de relator da CPI dos Títulos Públicos à campanha paranaense.

### Paraná

Pelo clima no diretório estadual do PSDB que rejeitou a filiação de Jaime Lerner (PDT) ao partido, o Paraná promete ter uma das campanhas mais acirradas de 1998. Lerner mantém uma boa imagem no eleitorado, mas os tucanos do seu estado vão fazer da candidatura do ex-governador Álvaro Dias (PSDB) a vingança contra o que consideram descaço do governador em relação ao partido que o apoiou na eleição de 1994. O senador Roberto Requião (PMDB), frustrado em sua pré-candidatura ao Palácio do Planalto, também promete levar seu palanque de relator da CPI dos Títulos Públicos à campanha paranaense.

### Pernambuco

O governador Miguel Arraes (PSB) terá 81 anos na campanha do próximo ano. Seus correligionários, que já admitiam um outro nome para 1998, ficaram ainda mais descrentes da reeleição depois da CPI dos Títulos Públicos, que envolveu o nome do neto do governador, Eduardo Campos. As apostas do momento indicam o senador Carlos Wilson (PSDB) como o provável candidato de Arraes na disputa contra o ex-prefeito Jarbas Vasconcelos (PMDB), que, depois de eleger o pefelista Roberto Magalhães como sucessor, deverá contar com o apoio do PFL. O presidente terá dois palanques no estado do seu vice, Marco Maciel.

### Rio Grande do Sul

O slogan aqui é todos contra um. Neste estado, o presidente Fernando Henrique Cardoso não deverá ter problemas de palanques rachados. PFL e PSDB tendem a fechar em torno da reeleição do governador Antônio Britto para neutralizar o PT que, depois de três vitórias eleitorais em Porto Alegre, fortaleceu-se para disputar o governo do estado. A maior dúvida ainda é sobre o nome do adversário de Britto. Se o ex-prefeito Tarso Genro não emplacar na disputa presidencial pelo PT, a disputa com o também ex-prefeito Olívio Dutra pela candidatura do partido ao governo do gaúcho deverá se acirrar.

### Rio de Janeiro

Maior aposta pefelista das eleições estaduais de 1998. Vitória do ex-prefeito César Maia daria um porto seguro ao PFL no Sudeste, região que, até agora, lhe é impenetrável. Viabilidade na região de maior peso eleitoral no País é a aposta do PFL para permanecer no poder federal que, em 1994, lhe foi assegurado por aliança com o presidente Fernando Henrique Cardoso. O governador Marcello Alencar resiste à idéia de fazê-lo candidato ao Senado na chapa de Maia e contratou o guru de Maluf, o publicitário Duda Mendonça, para reverter sua imagem negativa junto à opinião pública fluminense.

### Santa Catarina

Seja qual for o resultado da votação do impeachment do governador Paulo Afonso Vieira (PMDB), dentro de um mês, o mais forte candidato à eleição de 1998 é o senador Espiridião Amin (PPB). O PT deverá apoiar o ex-prefeito de Florianópolis, Alfredo Boppé (PPS), mas o embate é desigual. Amin está trabalhando pelo apoio do embaixador do Brasil em Portugal, Jorge Bornhausen (PFL), que deverá sair candidato ao Senado em 1998. A costura com o PPB de Espiridião Amin passa pelo futuro político do deputado Paulo Bornhausen (PFL-SC), que o pai, Jorge, gostaria de ver, um dia, no governo do estado.